

ELSINORE

Do autor de *O Luto É a Coisa com Penas*



LANNY

MAX PORTER

Paz, a minha desconhecida é uma árvore
Que atravessa naturalmente todas as
Inquietações, provações e urgências
Do crescimento.
É verde e resoluta
Respira com angústia
Porém, liberta paz, paz de espírito
Crescimento, movimento.
Palmilha este viçoso encanto
Por toda a terra,
Onde céu e sol lhe enternecem os hábitos
Como eu enterneceria os teus.

LYNETTE ROBERTS, «Green Madrigal (I)»

1

O Falecido Papá Dentilária desperta da sesta vertical de quatro quilómetros de largura e raspa com os dedos restos de betume onírico que cintila prene de coágulos de lixo. Deita-se no solo para ouvir hinos da terra (nada encontra, pelo que cantarola entredentes), depois encolhe-se, rasga em si mesmo uma boca com um puxão de argola enferrujada e suga uma camada húmida de matéria vegetal rica em ácido e detritívoros frutados. Fende-se e oscila, divide-se e reúne-se, tosse um vaso de plástico e um preservativo petrificado, detém-se brevemente como uma banheira de fibra de vidro despedaçada, tropeça e arranca a máscara, tasteia o rosto e acha-o feito de frascos de ácido tânico há muitos enterrados. Porcaria vitoriana.

O Rabugento Papá Dentilária nunca devia dormir de tarde; ele não sabe quem é.

Quer matar coisas, portanto canta. Soa a um lento nada, como bolhas de asfalto que assomassem numa onda de calor. O seu amplo sorriso prolonga-se por uma hora pegajosa. Animando-se, palra em voz de pateta culto às asas secas, finas como papel, e aos subordinados sob a casca dos troncos, às marcas que aqui deixou no ano passado, aos ratos e às cotovias, aos arganazes e aos veados, à estranha memória de si próprio enquanto ser ciclicamente fiável, enquanto parte do currículo do país. Veste trajes sombrios, uns atrás dos outros, à medida que roça nas folhas e pragueja no caminho lento que abre por entre as árvores. Percorre uma distância curta na pele de um engenheiro que enverga um colete refletor. Entra num smoking, depois num abrigo antiaéreo, depois num fato de treino, depois no capô enferrujado de um jipe, depois numa saia de couro, mas nada resulta. Detém o passo na forma de tubo de

escape, depois contorce-se até se converter em armadilha para coelhos, e em seguida é uma urtiga mijada que se transfigura em cordeiro estrangulado de pele rosada. Arranca um melro do céu e escancara-lhe o bico amarelo. Espreita para o interior da cara rasgada como se se tratasse de um lago de águas cristalinas. Atira o pássaro através do palco da floresta, levanta-se feito bosque despido, espesso, e faz estrondear no chão os pés escurecidos por fungos. O corpo dele é uma armadura de casca de árvore com as iniciais de amantes adolescentes entalhadas na superfície. Avança pela floresta no seu passo pesado, perfeitamente desperto e desejoso de ouvir.

Só há uma coisa que pode animar o carrancudo Dentilária — ouvir.

**Desliza através da terra precisamente à velocidade do crepúsculo e chega ao seu local predileto. A aldeia está obedientemente sentada para o saudar, esbatida pela meia-luz. Ele sobe até ao portão da cerca. É invisível e paciente e aproximadamente do tamanho de uma pulga. Permanece imóvel.
Ouve.
Ei-lo.**

plântula

Som humano, amarrado em seu proveito, arrastado pelo campo, puxado para a sua grande necessidade.

Propriedade privada,

favo de mel

Magnífico.

Tenho champô nos olhos, vento de feição

Uma bela altura do dia.

põe em pausa, não encontro o Pai em lado nenhum, cheira mal aí dentro, inclina o copo

Agora, o som envolve-o, ele estica-se e puxa fios delicadamente, um maestro que extrai som de uma orquestra,

*então, viveiro de plantas
deita fora*

habilmente, sem pressa, como o tempo a impor lentamente a morte a um organismo, pouco a pouco, a ouvir. Ouve a sua aldeia preparar-se para dormir,

vai à merda, Alan

*potência muito mais elevada, sonhos maravilhosos,
a correia da ventoinha a chiar*

esqueci-me completamente do leite

a conversar com a velha Peggy

até à última
garfada,

vivemos tempos estranhos,

como estão esses joelhos, é uma queimadura por fricção, não é cancro

o outono é um cirurgião impiedoso,

o Pai tá piurso, mais gin do que água tónica,

**o Falecido Papá Dentilária expira, relaxa, recosta-se
no portão, sorri e deleita-se com ela, com a sua sinfonia
inglesa,**

gralha a grasnar, plastifica a folha de escala de serviço,

os miúdos do 9.º ano andam descontrolados,

a Agnetta está com uns quilinhos a mais,

um indício em Elm House,

um
joguinho
de futebol

janelas originais, um salto à vila,

a minha fiel amiga Diarreja,

os velhos morrem,

c a s c a s de tangerina espalhadas pela rua como

o trilha de uma caça ao tesouro,

fedelho de merda,

luz interessante,

Correio Especial e Correio Registado não são a mesma coisa,

os países podem descarrilar,
 nunca vi um tipo tão fodido pela coca,
 o ensaio do coro coincide com a transmissão do Benders, *infelizmente,*
 é bonito, *naquele seu estilo desleixado,*
 péssimos pais,
 um último copo, e depois cama, canos de esgoto entupidos,
aquele cenourinha de merda que se meteu com o nosso filho
 iraniano ou lá o que é,
 a entrar e a sair como o vento,
 o arroz doce com caramelo salgado da Sheila, meu Deus, morri e fui para o céu
nove libras,

**nada nela, engole-a vorazmente e embrulha-se nela,
 esfrega-a pelo corpo todo, enfia-a nos seus orifícios,
 gargareja, diverte-se, pontua e toca ao de leve, lambe
 e sorve ruidosamente ao ouvi-la, desejando senti-la
 efervescer na língua, este seu lugar,**

um menino querido, quem o diz é a professora, *quiche de vômito*
 o portão está desgastado na parte onde ela se debruçou ao longo de setenta verões,
 aos guinchos como raposas no cio, ele é rabeta,
 o estado das casas de banho, fibra ótica, *fazer*
de alumínio no tabuleiro, *finca-pé,*
 menos antibióticos, vacas mais saudáveis,
 lamento interminável,
primitivo, coloca-se folha de alumínio,

velho chanfrado e sinistro, o estado daquela lambreta, que coisa parola,
Linda, a Sra. Responsabilidade,

nove distritos eleitorais azuis numa cadeia de bom senso, tu ou eu,
a pedinchar uma boleia na sexta-feira,
passo a ferro mais um pouco e depois vou beber um chá,
uma palavrinha ao sábio Ken, mitra,
a PlayStation deu o berro,
o Dave tem montes de dalias

conspiradores marxistas, uni-vos,

**o Falecido Papá Dentilária mastiga o ruído daquele lugar
e espera pelo seu sabor preferido, que ainda não o alcançou,**

dei dalias numa escola, portanto sei tudo o que há para saber sobre cabeças partidas,
há árvores arrapazadas, árvores efeminadas e fetos recém-brotados de trinta centímetros,

como é que vai isso, ó duplo queixo janota,
a arrancar um monte de jacintos-dos-campos para ganhar dois dias de beleza,
a gorda da Pam está num assalto furioso aos scones com geleia,

disse-lhe da embraiação pifada, muda de canal,
composto útil, responde-lhe à mensagem,

o Roy teve outro ataque, a Yashvi faz a recolha nos dias de semana à noite,
percebe-se que tenha outra, já olhaste para a mulher dele, só por cima do meu cadáver
vi os auxiliares entrarem, mas a Jean disse que já não havia nada a fazer,
vigoroso jasmim, vinte flexões e uma pívvia,

acusou-me de fazer planos com um mês de antecedência,
garrações de água da chuva,

sacos de reciclagem, tómbola,

*absolutamente impróprio, pré-pagamento, simplesmente indesejável,
fala sobre a masculinidade tóxica em todos os encontros
do clube de leitura, o El estava podre de bêbado*

**e depois ouve-o, distinto e verdadeiro, o som encantador
do seu predileto.**

O rapaz.

*Teria a cabeça de um golfinho e as asas de um falcão-real,
e seria uma criatura que nos avisaria da chegada das tempestades,
vigiando o clima enquanto dormimos.*

**O Falecido Papá Dentilária abraça-se a si próprio com
braços de larício enfermo, pelo queixo escorre-lhe cuspo
de cuco. Exibe um sorriso rasgado. A cabeça de um golfinho
e as asas de um falcão-real! É invadido por ânsias cirúrgicas,
quer abrir a aldeia de par em par e retirar de lá a criança.
Extraí-la. Ao mesmo tempo jovem e antiga, um espelho
e uma chave. Uma criatura que nos avisaria da chegada das
tempestades, vigiando o clima... Põe-se a ouvir o rapaz, os seus
pensamentos à hora de deitar, as palavras de boa noite
que dirige à mãe, a mente vigilante a infiltrar-se no sono
visionário. Depois, o Falecido Papá Dentilária abandona
o seu local e vagueia, de riso entredentes, a chocalhar
nas suas várias peles, trajando um crepuscular casaco
de lona, inebriado pela aldeia, prenehe de sentimento,
a mente ocupada por pensamentos que expliquem de que
modo uma coisa leva à outra repetidas vezes, vezes sem
conta, sem que exista um fim.**

MAX PORTER

A MÃE DO LANNY

Eis chegado o som de uma canção,
terno na sua respiração de criatura.

O meu filho cantante,

trazendo-me presentes.

Um ou dois segundos bastam para que perceba que não é ele.

Lanny?

O PAI DO LANNY

Estou na cidade a trabalhar, e a ideia de ele existir a sessenta minutos de comboio de mim, de estar ocupado na sua rotina diária da aldeia, a transportar o seu cérebro estranho de um sítio para o outro, parece-me completamente impossível. Parece-me improvável, quando estou no emprego, que tenhamos tido um filho e que esse filho seja o Lanny. Se os meus pais estivessem aqui, certamente diriam: Não, Robert, sonhaste-o. As crianças não são assim. Vai lá dormir. Vai lá trabalhar.

No relatório escolar dele lia-se: «O Lanny tem um talento inato para a coesão social. Não são raras as vezes em que acalma uma turma agitada com o uso oportuno de uma piada ou canção.» Objetivamente, acredito que corresponderá à verdade. Imagino perfeitamente o Lanny a fazê-lo. Mas de onde lhe vieram os dons? Terei eu os mesmos dons? A quê ou a quem cumpre acompanhar e orientar o Lanny e os seus dons? Oh, foda-se, é a nós. Será possível ter filhos sem dar em doido?

«O Lanny é especialmente dotado no plano linguístico, e o seu acróstico *Tarka a Lontra*, redigido a propósito da celebração do Dia Mundial do Livro, foi mostrado ao diretor e mereceu o autocolante do ulmeiro dourado que distingue quem alcança o nível de mestria na escala de competências.»

O quê? De que é que estão pr'aí a falar? Quero um autocolante.

PETE

Naqueles dias, dedicava-me a encontrar e limpar esqueletos de coisas mortas. Sobretudo de pássaros. Separava-lhes os ossos, revestia-os com folha de ouro, voltava a uni-los fora do sítio e pendurava-os em estruturas de arame. Pequenos móveis de pássaros disformes. Tinha feito cerca de uma dúzia deles. A galeria queria coisas para expor. Para vender.

Também me dedicava a fazer moldes de diferentes cascas de árvore. Punha-os em caixas, acompanhados de pedaços de papel escritos.

Alguns desenhos. Algumas gravuras de qualidade aceitável. Cenários. Coisas sóbrias.

Ela apareceu-me no ateliê uma manhã trazendo consigo um ramo com dois braços perfeitos. Tinha visto uma escultura de um homem feita por mim.

As conversas ocasionais na rua tinham dado lugar a visitas suas para um chá, uma ou duas vezes por semana. Às vezes com o Lanny, às vezes sozinha. Só se tinham mudado para a aldeia um ou dois anos antes.

Tinha visto a figura de um homem rudemente esculpida por mim, um Cristo sem cruz, e intuía a possibilidade de um outro homem naquele ramo caído.

É muito gentil da sua parte, disse eu.
Fi-lo com todo o gosto, Pete, disse ela.

Gostava dela. Era boa para duas de treta. Cordial, com bom olho para as coisas. Era comum mostrar-lhe o meu trabalho e ela fazer

comentários interessantes acerca dele. Fazia-me rir, mas sabia quando desamparar a loja. Parecia adivinhar os momentos em que eu não estava com disposição para conversas.

Era atriz, tinha feito peças de teatro, alguma televisão. Contava-me histórias sobre tudo isso. Sobre todas as alimárias que se moviam no meio. Aqueles relatos nunca me pareciam muito distantes da realidade do mundo das artes de tempos idos.

Não tinha saudades da representação, mas por vezes entediava-se, quando o Lanny ia para a escola, quando o marido ia para a cidade. Disse-me que estava a escrever um livro. Um romance de terror e mistério.

Parece-me sinistro e sangrento, a julgar pelo que me conta, disse eu.

É muito sinistro e sangrento, disse ela, mas tem o encanto do mistério.

Sentava-se amiúde na minha companhia enquanto eu trabalhava. Comprara uma das minhas peças, sem eu saber, à galeria. Uma das minhas melhores obras em relevo, de grande dimensão. Disse-lhe que, se soubesse, lhe teria feito um desconto de amigo, ao que ela respondeu: Precisamente, Pete.

Gostava dela.

Tinha por hábito remexer no que quer que estivesse à mão.

Pedaços de arame. Um lápis. Galhos.

Faça qualquer coisa, esteja à vontade, disse-lhe uma vez.

Oh, não, sou uma nulidade nisto das coisas visuais,
disse ela.

E lembro-me de ter pensado que era uma coisa tão estranha
e triste de se dizer.

Uma nulidade, nas coisas visuais.

Alguém lhe terá dito algo para que tal noção se lhe tenha colado.

Pensei na minha mãe. Numa ocasião, quando era muito nova,
alguém disse à minha mãe que ela não conseguia acertar
uma nota. Por isso, ela nunca cantou nem assobiou na vida.
Não sei cantar, dizia.

Só muito mais tarde, depois de ela ter morrido, é que reconheci
a natureza absurda dessa noção. *Não sei cantar.*

De maneira que ela está sentada à minha mesa a amontoar
líquenes desfeitos com a ponta do dedo enquanto conversamos
sobre a aberração que é o novo cubo de vidro que estão a erguer
em Sheepridge Hill.

Estou de olhos cravados nela.

Começa por moldar uma forma irrepreensível. Achata-a.
Divide-a em duas. Comprime os dedos para estender duas linhas.
Aproxima e afasta as duas linhas até desenhar uma pequena
sequência de dentes verde-acinzentados. Torna-a retangular
tocando-lhe ao de leve e usa a unha para limpar as arestas,
depois acrescenta no meio um círculo perfeito com a ponta
do dedo húmida.

Uma nulidade nas coisas visuais, mas ali sentada a dar a um pedaço de musgo seco o movimento que o transforma em meia dúzia de formas belas, distraída a produzir imagens na mesa da minha cozinha.

Ergue os olhos na minha direção e diz estar ciente de que sou uma pessoa ocupada e famosa, mas que, se não vir nisso uma ideia demasiado estúpida, será que teria disponibilidade para dar umas aulas de arte ao pequeno Lanny.

Aulas de arte: que disparete, pensei.

Disse-lhe que, apesar de gostar do puto e de retirar genuíno prazer das conversas que tinha com ele, não me ocorria nada pior do que ensinar arte.

Sou um miserável sacana solitário que mal consegue segurar um lápis, disse-lhe.

E ela riu-se, e disse que compreendia, e a seguir zarpou naquele seu modo apazível. Sensível à luz, chamar-lhe-ia. O tipo de pessoa que se parece um pouco mais com o clima do que a maior parte das pessoas, mais obviamente feita dos mesmos átomos que constituem a Terra do que a maior parte das pessoas nos tempos que correm. O que explica tudo o que o Lanny é.

De maneira que saiu, naquela manhã, e eu permaneci sentado e inspirei a atmosfera que se gerou com a visita dela e pensei muito sobre o crescimento das mulheres, sobre isso de se ser rapariga no mundo, e fui acometido pelas saudades da minha mãe, e da minha irmã, e de algumas mulheres que conheci, e dispus, com todo o cuidado, minúsculos flocos de ouro no crânio de um pisco e trauteei de mim para comigo a melodia de «Old Sprig of Thyme».

A MÃE DO LANNY

Eis chegado o som de uma canção,
terno na sua respiração de criatura,
e aconchegou-se em mim, trepando-me ao regaço,
envolvendo-me o pescoço.

Disse: O Lanny entra pela esquerda do palco, a cantar,
a tresandar a pinheiro e outras coisas agradáveis.

Pensei: Não te tornes, por favor, demasiado crescido para
estes abraços, meu amorzinho geotérmico.

O PAI DO LANNY

Se apanho o das 7h21, não tomo o pequeno-almoço com o Lanny,
mas evito o Carl Taylor e em princípio encontro um assento
vago. Se apanhar o das 7h41, estarei com o Lanny, mas o Carl
Taylor encontrar-me-á no cais e ver-me-ei obrigado a ouvi-lo
falar da Susan Taylor e das inteligentes meninas Taylor e das
disciplinas que estão a estudar para a obtenção do General
Certificate of Secondary Education e provavelmente teremos
de fazer a viagem de pé, e lá virão a axila de alguém, a bicicleta
dobrável de alguém, o arrastado desfile do *feed* de notícias do
Carl Taylor misturado com a minúscula música auricular
de alguma pessoa.

Ao fundo da rua da aldeia, contorno a rotunda no cruzamento
a toda a brida para sentir a velocidade no estômago, sigo por
Ghost Pilot Lane, através de Ashcote, via rápida até à vila.
Se no caminho não se me atravessarem tratores nem ciclistas,
consigo chegar à estação em menos de vinte minutos. O meu
recorde é catorze. Se abrandar em Ghost Pilot Lane, é sinal
de que há veados na faixa de rodagem e poderei parar por

momentos a contemplá-los. Ou poderei buzinar para os avisar da minha proximidade e fazer o ponteiro chegar aos 120 ou aos 130, de janelas abertas para despertar com os golpes do vento e desfrutar do carro. Mais me vale desfrutar do carro, não foi nada barato e passa a maior parte da vida estacionado, à minha espera.

Por vezes, nos dias em que a viagem de carro é rápida, deixo-me ficar cinco minutos no parque de estacionamento da estação a conversar com o meu veículo. Obrigado, digo-lhe. Foi um prazer negociar consigo, caro senhor. Boa, camarada. Bucéfalo, coisa mais linda, és o melhor cavalo de sempre. A deslocação entre casa e emprego é isto. Pequenos prazeres extraídos de uma rotina manipulada como as peças um jogo. Pequenos truques do homem do campo a tempo parcial. É possível que seja nefasto para a alma. É possível que eu inspire um certo dó. Não sei.

Tenho um desenho do Lanny colado na parede acima da secretária. Sou eu numa capa, a sobrevoar a linha do horizonte, e diz: «Para onde vai o Pai todos os dias? Ninguém sabe.»

A MÃE DO LANNY

O Pete bateu à porta.

Conseguiu passar pela velha Peggy sem interrogatório.

Parabéns, Pete, mas no regresso ela não o deixará escapar. Está preocupada com o facto de as pessoas darem de comer aos milhafres. Aceita um chá?

Baixou os olhos na direção das botas e puxou a barba.

Não quero. Mas ouça. Refleti um pouco depois de se ter ido embora naquela noite. Estive a pensar no cabrão miserável que sou e em que nada me impede de o ser um bocadinho menos. Não saberia como ensinar e eu próprio detestei ser ensinado. Mas se aquilo que me quis perguntar é se o Lanny pode ir para minha casa e sentar-se na minha cozinha, usar o meu papel, desenhar comigo, falar sobre aquilo que eu faço, nesse caso, porque não. É um rapaz adorável e a ideia de ter companhia agrada-me. Talvez até me faça bem. Dito isto, às segundas e quartas depois das aulas parece-lhe bem?

Oh, Pete, que maravilhoso. E podemos pagar-lhe?

Nem pensar. Está absolutamente fora de questão, minha querida. Diga ao seu marido rico para comprar um dos meus minúsculos e intrincados pássaros de ouro quando forem expostos no próximo ano.

Bom, é muito gentil da sua parte. O Lanny vai ficar tão contente. Quarta-feira, parece-me bem.

O Pete desceu a rampa de acesso à casa em passo triturado. Ergueu a mão, virada para si, e gritou:

Quarta-feira às quatro da tarde. Estarei à espera!

O FALECIDO PAPÁ DENTILÁRIA

**O Falecido Papá Dentilária jaz sob a esposa de um vigário
oitocentista e revolve as raízes de um teixo na pélvis dela.
Adora o cemitério. Põe-se a ouvir...**

quando morrer, convertam-me em bolas de gordura para os pássaros,
 tudo bem, desde que a mãe do Jimmy nada diga em contrário,
dez novos marcadores fluorescentes pagos com trocos,
 o Dylan precisa de um regulador de intensidade para o temperamento,
 uma peça desse tamanho devia estar presa a uma trela,
 cozinha aberta, gravuras florais,
 o Tom não tem andado nada bem, a natureza afável de um galgo,
 esgotado, novos tratores, novas vedações,
 todo inchado e reluzente como um porco untado, dez das espátulas de borracha
 do ladrão que anda de porta-a-porta, solo calcário,
 ela não sabe servir uma Guinness, mas perdoamo-lo
 porque tem umas belas tetas,
há vida para lá da Internet,
 o que acabará por matar o Brian Gould será a velha autocomiseração

**o Falecido Papá Dentilária lembra-se de
quando construíram esta igreja,**

completas e meditação, ele é parvo se o fizer no feriado,
 ainda não tive oportunidade de o ver, Jan, mas agradeço-te o aviso,
 um rato putrefacto, biotecnologia⁰ tanas, matar porcos é o meu ganha-pão,
 erva-das-pampas como sinal de que gosta de troca de casais, daí a alcunha,
 Jean Lunático,

o Dr. Horvath tratou-me as hemorroidas,
sou apocalítico no que toca às abelhas,
sal da terra,

oh diabo, lá vem o Da Vinci em versão sinistra

pioelhos outra vez, trinitário-tobagense, embora toda a gente
julgue que é jamaicano,
carro novo em folha, humano sem escrúpulos, não há lugar para estacionar,
as vedações serão o calcanhar de Aquiles daquele homem,
acabei de fumar o último Silk Cut,

**pedra de outras paragens, sílex daqui, madeira
deste bosque, rapazes da região, chamem os faz-tudo e eles
que ponham mãos à obra para construir bancos de igreja,
cinzelar ornamentos florais, criar uma placa de cânticos
litúrgicos com cantos em marfim, um altar com — sim,
é verdade, ei-la, a cabeça de um Homem Verde, sorrindo com
os dentes todos aos que se batizam e aos que se casam, aos
entediados e aos defuntos, a morder uma beladona-bastarda,**

vómito atrás do salão paroquial,

representantes paroquiais do laicismo, ou comadres, como eu lhes chamo,

a pseudo-lenda Margaret,

horas a fio a conversar com a Peggy,

no mercado há sete meses,

meia dúzia de caixotes para merda de cão, toda a gente conhece toda a gente,

um país inteiro com o complexo de Napoleão,

as notícias não são nada animadoras para o Tom, alerta de ciganada, angariámos 45,67 libras,

não é Julie, é Jolie, acredita nisto,

o cheiro daquele Philadelphus, meu Deus, que maravilha,

obrigadinho, Mãe, a cerveja preta desarranja-me os intestinos,
 na marmelada como trasgos famintos,
 agradeço que se deixem de cinismos, meus senhores, o meu braço cheirava a musgo,
 em Thackeray House, alguém chora até adormecer exausto,
 em tempos, foi um bosque,
 e bosque tornará a ser,
 fertilizante a preço de saldo cretino pretensioso,
 vai tudo fugir em debandada,
 casa vitoriana em belíssimo estado, com vista para o idílico
 prado de Stowely,
 a mente de uma criança

**Está representado em chaves de abóbadas,
 em estênceis decorativos, em tatuagens, no logótipo do
 clube de críquete, tem sido toda a ninharia e todo o lixo
 ingleses, moral em troca de dinheiro, mascote e maldição.
 Existe em forma de histórias em todos os quartos de todas
 as casas deste lugar. Está neles como a água. Animal, vegetal,
 mineral. Eles constroem novos lares, destruindo-lhe o
 espaço verde, e ele assoma adaptado, para assustar e definir.
 Neste lugar, ele é tão antigo quanto o tempo.**

Tens de Rezar e o Bem Praticar, ou o Falecido Papá Dentilária Virá para te Levar.

Esta é a história de uma aldeia inglesa situada a não mais de meia hora de distância de Londres, não muito diferente de todas as outras: com o seu *pub*, a sua igreja, as suas lojas e casas de tijolo vermelho, repleta de vozes que falam de amor e desejos, de trabalho e de morte e das coisas quotidianas. A aldeia pertence ao presente, mas também ao seu passado, às famílias desaparecidas há gerações e às que para lá se mudaram há pouco tempo. Pertence igualmente ao Falecido Papá Dentilária. Todas as crianças conhecem esta figura lendária, feita de folhas de hera, parte da paisagem desta aldeia há centenas de anos. Ele viu monges executados, bruxas afogadas, viu a chacina industrial de animais, viu pessoas a fazerem mal aos que lhes eram próximos ou a si mesmas. Viu a própria terra desintegrar-se, despedaçada por arame, vedações e leis. Viu-a envenenada por químicos. E agora, o Falecido Papá Dentilária acordou... Por que razão se pôs novamente à escuta? E, sobretudo, o que quererá de Lanny, um curioso rapaz recém-chegado à aldeia?

Com *Lanny*, um romance brilhante, detentor de uma energia quase anárquica que funde fabulismo com o quotidiano, Max Porter amplia o já extraordinário universo que criou com *O Luto É a Coisa com Penas*.

«Pleno de inesperado, um feito admirável
de virtuosismo literário.»

The Sunday Times

ELSINORE entre nós e as palavras 2020 editora	ISBN 978-989-8864-56-7  9 789898 864567 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	